

# UMA APROXIMAÇÃO AO DEBATE SOBRE DEPENDÊNCIA NA OBRA DE RUY MAURO MARINI

Crismanda Maria Ferreira<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

O presente artigo discute a concepção de dependência elaborada por Ruy Mauro Marini. Objetiva tratar da crítica à razão cepalina de subdesenvolvimento e caracterizar o fundamento da dependência em sua obra, a superexploração da força de trabalho. Via estudo bibliográfico de Marini e dos autores de sua tradição, abordamos os elementos centrais da Teoria Marxista da Dependência, desvelando a dimensão estrutural da relação de subordinação econômica entre países de capitalismo periférico e central. Retomar esses estudos é parte do esforço de, numa perspectiva crítica, adensar as polêmicas em torno da questão do desenvolvimento, sobretudo já diante do esgotamento dos ciclos ditos "desenvolvimentistas" no continente.

**Palavras-chave**: Dependência. Ruy Mauro Marini. Superexploração da força de trabalho.

#### **ABSTRACT**

This article discusses the dependency conception elaborated by Ruy Mauro Marini. It aims to deal with the criticism of the CEPAL's theories of underdevelopment and to characterize the dependence in its theory, the overexploitation of the labor force. Through a bibliographical study of Marini and authors of his tradition, we approach the central elements of the Marxist Theory of Dependence, revealing the structural dimension of the relationship of economic subordination between countries from peripheral and central capitalism. Resuming these studies is part of the effort, in a critical perspective, to deepen the controversies surrounding the issue of development, especially in the face of the exhaustion of the so-called "developmentalist" government's cycles in the region.

**Keywords**: Dependency Theory. Ruy Mauro Marini. Overexploitation of the workforce.

## 1 INTRODUÇÃO

Na última década, o pensamento social latino-americano empreende um esforço de autocrítica quanto ao eurocentrismo hegemônico nas suas elaborações, mesmo as de vertente crítica. Neste esforço, ganha força uma reaproximação, no

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco; Mestra em Serviço Social; E-mail: crismandaferreira@yahoo.com.br.

















Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

campo do pensamento crítico, com as teorias que buscaram pensar a América Latina desde a América Latina.

Pari passu, no calor do debate sobre desenvolvimento que emerge com a ascensão dos governos chamados progressistas no continente, a teoria da dependência retorna ao centro dos debates teórico-políticos latino-americanos. A obra de Ruy Mauro Marini (1932-1997) ocupa lugar de destaque nessa discussão. A tradução de seus principais textos, escritos em sua grande maioria em espanhol, nos anos de exílio, é finalmente realizada, superando, ainda que parcialmente, o que Traspadini e Stédile (2005) caracterizam como "[...] uma dívida muito grande" dos movimentos sociais, da esquerda partidária e da universidade brasileira.

A partir de Marini, fecundos debates têm se dado, na contemporaneidade, sobre desenvolvimento e dependência. Portanto, essa pesquisa de caráter essencialmente bibliográfico, ancorada no método materialista dialético, objetiva esboçar uma aproximação com os principais elementos de sua original elaboração sobre a dependência, particularmente com a análise desenvolvida no ensaio *Dialética da Dependência* (1973). Para isso, resgatamos brevemente o contexto em que emergem suas reflexões, os principais elementos que configuram sua caracterização da dependência e, em especial, seu fundamento – a superexploração da força de trabalho.

### 2 A TRAJETÓRIA INTELECTUAL E MILITANTE DE RUY MAURO MARINI

Nascido na cidade de Barbacena, interior de Minas Gerais, em 1932, Marini, desde sua juventude, se propôs a pensar os dilemas do Brasil. Apaixonado pelos temas sociológicos da América Latina, engajou-se, na recém-inaugurada Universidade de Brasília (UNB), em um grupo de intelectuais – entre estes Theotônio do Santos, Vânia Bambirra e outros - que, em meados de 1960, lançaram-se no desafio de interpretar o que estava na gênese do subdesenvolvimento e da exploração capitalista nos países latino-americanos.

Criticando o eurocentrismo hegemônico nas análises sobre o capitalismo, o grupo de intelectuais formou o que ficou mundialmente conhecido como Escola da

















Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

Dependência. Essa escola era caracterizada como um espaço profícuo de reflexões e interpretações, sendo responsável pela formulação de uma visão crítica às concepções cepalinas e do Partido Comunista do Brasil (PCB) sobre o processo de desenvolvimento brasileiro (TRASPADINI E STEDILE, 2005). Retomaram tanto os escritos de Lênin e Rosa Luxemburgo sobre imperialismo e os de desenvolvimento desigual e combinado de Leon Trotsky. Além disso, notabiliza-se a forte influência de Paul Baran e André Gunder Frank, no que se refere aos estudos sobre a "[...] apropriação internacional dos excedentes produzidos nos países periféricos" (MARTINS, 2011, p. 237). As reflexões feitas pelo grupo, como explicam Traspadini e Stédile (2005, p. 8), "[...] remavam contra a maré da hegemonia intelectual da época".

Marini ganha destaque neste coletivo, tanto pela disciplina com que se dedicava aos estudos e debates quanto pelo rigor metodológico e sua preocupação em entender a relação desigual entre os países, isto é, "[...] os mecanismos internos e externos próprios de uma relação de dependência permanente sob a égide do capitalismo" (TRASPADINI E STEDILE, 2005, p. 8). Entre suas obras principais, podemos citar: "Subdesarrollo y revolución" (1969); "El reformismo y la contrarrevolución" (1976); "Dialéctica de la dependência" (1973); "América Latina: dependência e integração" (1992).

Em que pese suas reflexões e inquietações teóricas para explicar a dependência, em Marini sobressai-se a dimensão material, prática, de suas formulações. O autor pertenceu a uma geração que, ao mesmo tempo em que se dedicou à elaboração teórica sobre a realidade latino-americana, também se inseriu organicamente na militância política para transformá-la. Pode-se afirmar que seu programa de elaboração intelectual estava estreitamente relacionado aos desafios e questões emergentes de sua militância política. Intelectual revolucionário, participou da fundação da Política Operária (Polop), grupo revolucionário marxista crítico às formulações stalinistas do PCB e que propunha a formulação de um programa socialista para as lutas populares. Também, devido suas ideias e compromisso político, após o golpe militar de 1964, foi exilado. Outrossim, entre suas idas e vindas nos países, enquanto morou no Chile, foi militante do Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR), no qual se tornou dirigente.







APOIO











Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

Inegavelmente, ao tratar de Marini, o que se observa é uma contribuição decisiva para o estudo da realidade latino-americana, pela perspectiva dos próprios latino-americanos. O pensamento latino-americano deixou de ser apenas receptor e passou a influir sobre as correntes progressistas da Europa e dos Estados Unidos. Nas palavras do próprio Marini (1990, p. 134), em texto contendo suas memórias, foi invertido, a partir dos estudos da teoria da dependência, "pela primeira vez o sentido das relações entre região e os grandes centros capitalistas" do ponto de vista da produção de conhecimento. A visão "universal" de capitalismo é questionada, e o estudo marxista da América Latina é colocado sobre outras bases, daí o fundamental feito da obra Marini e a necessidade de recuperá-la para entender a configuração do capitalismo "tupiniquim", inclusive os impasses que se reatualizam.

# 3 CONTEXTO DO DEBATE: A CRÍTICA DA RAZÃO CEPALINA DO "SUBDESENVOLVIMENTO"

A perspectiva analítica acerca da condição desigual – social e econômica – latino-americana ganha expressividade no século XX, significando, conforme aponta Martins (2011, p. 229), "[...] um salto na compreensão da realidade latino-americana", ao analisá-la a partir da dinâmica capitalista periférica e mundial. Ao tratar do tema, distintas correntes ideológicas se destacam, a exemplo dos estudos weberianos de Cardoso e Faleto (1977). Nesse tópico, porém, iremos nos deter em duas perspectivas: a de base cepalina, ancorada no debate sobre "subdesenvolvimento"-tendo nas obras de Celso Furtado suas principais referências – e a de base na teoria marxista da dependência, cujo principal expoente foi Ruy Mauro Marini, e que é nosso objetivo aprofundar.

De acordo com a corrente de base cepalina, a condição desigual seria explicada pelo atraso econômico dos países periféricos em relação aos países centrais, constituindo-se como paradigma do desenvolvimento de sociedades que possuem laços econômicos definidos em função do mercado internacional.

As perspectivas apontadas pelos autores centravam-se na ideia que seria possível os países latino-americanos avançarem no rumo de um capitalismo nacional

















Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

autônomo, na direção de superação do "atraso" econômico decorrente dessas trocas comerciais desiguais entre os países da periferia e as nações capitalistas desenvolvidas (SERRA, COSTA E CASTELO, 2015). Como sintetiza Furtado, em seu livro clássico "Formação econômica do Brasil", para superar o subdesenvolvimento, era preciso consolidar um projeto econômico nacional, orientado "[...] no sentido do aproveitamento mais racional de recursos e fatores no conjunto da economia" (2005, p. 236).

Já a partir dos estudos de base na teoria marxista da dependência foi possível perceber o dinamismo entre interno e externo. A noção de subordinação econômica passou a ser postulada e o conceito de superexploração da força de trabalho ganhou centralidade explicativa para a compreensão das economias periféricas. O "sub" não designava atraso, mas subordinação. Os estudos buscavam analisar as condições de integração da América Latina ao mercado mundial e como essa integração, de acordo com Marini: "[...] a) Funcionara para a economia capitalista mundial e b) alterara a economia latino-americana" (MARINI, 1990, p. 91).

Conforme Theotônio dos Santos (2011), a teoria marxista da dependência cumpriu um papel crítico fundamental ao analisar os limites históricos do debate sobre desenvolvimento. Suas raízes estão ligadas às concepções que a chamada "nova esquerda", em particular no Brasil, embora tenha tido maior abrangência em Cuba, Venezuela e no Peru, elaborou para defrontar à ideologia dos partidos comunistas. Essa "nova esquerda", "[...] caracterizava a revolução como, simultaneamente, anti-imperialista e socialista, rechaçando a ideia do predomínio de relações feudais no campo e negando à burguesia latino-americana capacidade para dirigir a luta anti-imperialista" (MARINI, 1990, p. 66).

A Cepal, por outro lado, também se converteu em alvo das críticas na medida em que, segundo Marini,

[...] os comunistas, que se haviam dedicado mais à história que à economia e à sociologia, se apoiaram nas teses cepalinas da deterioração das relações de troca, do dualismo estrutural e da viabilidade do desenvolvimento capitalista autônomo, para sustentar o princípio da revolução democrático-burguesa, anti-imperialista e antifeudal, que eles haviam herdado da Terceira Internacional (1990, p. 66).

















Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

Nessa trilha, o ensaio *Dialética da Dependência* (1973) foi escrito, rejeitando a linha tradicional de análise do subdesenvolvimento, tanto aquela que captava seu sentido através de um conjunto de indicadores (renda *per capita*, escolaridade, nutrição etc.) e que serviam para defini-lo, quanto aquela da Cepal, apesar do autor reconhecer o avanço empreendido ao ter sido fincado, "[...] como elemento válido de sua elaboração, a crítica à teoria clássica do comércio internacional e a constatação das transferências de valor que a divisão internacional do trabalho propicia, em detrimento da economia latino-americana" (MARINI, 1990, p. 90).

Contestador, Marini definiu que "[...] a história do subdesenvolvimento latinoamericano é a história do desenvolvimento do sistema capitalista mundial" (MARINI, 1990, p. 76). Ou seja, o subdesenvolvimento seria "[...] a forma particular que a região assumiu ao se integrar ao capitalismo mundial" (MARINI, 1990, p. 76). Seria inoportuno, pela definição de Marini, que o subdesenvolvimento fosse entendido pela falta de maturidade dos países, uma vez que a análise leva em conta um processo total, somente entendido em suas múltiplas relações.

A América Latina, para Marini, desenvolve-se em consonância com a dinâmica do capitalismo internacional. Constituída enquanto "[...] colônia produtora de metais preciosos e gêneros exóticos [...]" (MARINI, 1973, p. 140), a região, a partir do século XIX, com o ciclo econômico mundial girando em torno da Inglaterra, se consolida na estrutura definida entre periferia e centro do capitalismo mundial: a divisão internacional do trabalho, determinante do sentido de desenvolvimento posterior. É nesse contexto que se configura a dependência em Marini, entendida como

[...] uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo âmbito as relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência (MARINI, 1973, p. 141).

A situação dependente significa o condicionamento econômico de determinados países em relação a outros, consequência da desigualdade no desenvolvimento de algumas economias, na medida em que o desenvolvimento dos países considerados centrais ocorre à custa do subdesenvolvimento dos países denominados periféricos (AMARAL E CARCANHOLO, 2009).

















DESTRUIÇÃO DA NATUREZA E
CRISE DE HEGEMONIA
Consciência de Classe e Lutas

Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

Nas análises de Marini, distinguindo-se daqueles que acreditavam ser possível superar a condição de dependência sob a égide capitalista, a sua superação "[...] supõe necessariamente a supressão das relações de produção nela envolvida" (1973, p. 141), uma vez que, no capitalismo, a consequência da dependência não pode ser nada mais que uma maior dependência.

A dependência não seria um empecilho para o desenvolvimento capitalista. Pelo contrário, seria uma consequência da própria dinâmica do mercado mundial e "[...] um acicate ao desenvolvimento da produção capitalista latino-americana" (MARINI, 1990, p. 91). Ao fazer essa última afirmação, Marini se baseia em duas premissas: abundância de recursos naturais, dando como resultado a monoprodução; e a superexploração da força de trabalho, marca da contraditoriedade da dependência latino-americana e "[...] aporte explicativo do capitalismo periférico" (MOTA, 2013, p. 2), como veremos a seguir.

# 4 SUPEREXPLORAÇÃO: CATEGORIA CENTRAL PARA A INTERPRETAÇÃO DA DEPENDÊNCIA EM MARINI

Os teóricos marxistas da dependência, em especial Marini, como já retratamos, introduziram a categoria superexploração da força de trabalho para pensar o fundamento da dependência na periferia do capitalismo mundial. A elaboração dessa categoria se constitui como uma importante contribuição para os estudos sobre a economia latino-americana (MARTINS, 2011), estando, atualmente, ganhando destaque nos debates, sobretudo após a publicação, no Brasil, das obras de Marini e de alguns autores que vêm resgatando suas contribuições (OSÓRIO, 2013; CARCANHOLO, 2004; AMARAL, 2012; LUCE, 2013).

No entanto, antes de iniciarmos a discussão sobre o tema, é crucial elucidar o sentido do termo "exploração", para tanto, recuperar a própria base teórica de Marini, a teoria marxiana. Em Marx, ao se discutir a relação entre a produção capitalista e as formas de acumulação de capital, aponta-se que, no capitalismo, a força de trabalho constitui uma "mercadoria especial", uma vez que cria valor. O capitalista compra a mercadoria força de trabalho e os trabalhadores laboram sob controle capitalista,

















Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

produzindo "[...] não só um valor de uso, mas uma mercadoria; não só um valor de uso, mas valor, e não só valor, mas também mais-valor" (MARX, 2013, p. 338).

O capital tem, segundo Marx (2013, p. 392), "[...] um único interesse vital, o impulso de se autovalorizar, de criar mais-valor, de absorver, com sua parte constante, que são os meios de produção, a maior quantidade possível de mais-trabalho". O interesse do capitalista é a produção de mais-valia e a condição necessária para sua realização é a exploração da força de trabalho, o trabalho vivo. Na comparação feita por Marx, o capital "[...] é trabalho morto, que, como um vampiro, vive apenas da sucção de trabalho vivo, e vive tanto mais quanto mais trabalho vivo suga" (MARX, 2013, p. 392).

Dito isso, a superexploração da força de trabalho seria uma forma particular de exploração (OSÓRIO, 2013, p. 49), "[...] a característica estrutural demarcadora da condição dependente vivida pelos países da periferia em relação aos países do centro do capitalismo mundial" (MARINI, 1991, p. 2000 apud AMARAL E CARCANHOLO, 2009). Isso porque, tendo como fulcro a *Dialética da Dependência*, "[...] a América Latina não só alimenta a expansão quantitativa da produção capitalista nos países industriais, mas também contribui para que sejam superados os obstáculos que o caráter contraditório da acumulação de capital cria para essa expansão" (MARINI, 1973, p. 148).

Existe uma relação de "troca desigual" entre nações periféricas e centrais. Umas produzem bens que outras não produzem, ou o fazem sob outras condições. Tal fato, trata Marini, "[...] permite que as primeiras iludam a lei do valor, isto é, vendam seus produtos a preços superiores a seu valor, configurando assim uma troca desigual" (MARINI, 1973, p. 148). As nações periféricas cedem parte do valor que produzem, sendo essa "cessão" ou "transferência" acentuada de maneira favorável aquele país que lhe venda mercadorias a um preço baixo, em virtude da maior produtividade.

A periferia capitalista, embora seja repleta de recursos naturais e tenha significativa capacidade de produção de mais-valor por utilizar mais trabalho vivo do que trabalho morto no processo produtivo, não se apropria dele, uma vez que é incapaz de produzir mercadorias cujo valor esteja ao nível de seu valor de mercado

















Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

(AMARAL E CARCANHOLO, 2009). Concomitantemente, os países centrais, apesar de serem mais produtivos por utilizarem menos força de trabalho frente ao que utilizam de meios de produção, produzem menos mais-valor, desta forma, garantem sua apropriação baseados no tempo de trabalho socialmente necessário que se encontra abaixo do setor.

As nações periféricas produzem valor que não é por elas apropriado, mas sim transferido para as nações de capitalismo central. Uma "transferência de valor" que, baseada na produtividade e no monopólio de produção, provoca uma interrupção da acumulação interna de capital. Marini identifica, nesse sentido, um mecanismo de compensação, o "[...] recurso ao incremento de valor trocado, por parte da nação desfavorecida" (1973, p. 152) – a superexploração da força de trabalho, nas palavras de Santos (2011, p.10), o "[...] coração do fenômeno da dependência".

Os países dependentes, vejamos,

[...] não buscam tanto corrigir o desequilíbrio entre os preços e o valor de suas mercadorias exportadas (o que implicaria um esforço redobrado para aumentar a capacidade produtiva do trabalho), mas procuram compensar a perda de renda gerada pelo comércio internacional por meio do recurso de uma maior exploração do trabalhador (MARINI, 1973, p. 153).

Na perspectiva de Marini, diante desses elementos, era preciso ir além dos estudos sobre a noção de troca entre nações, encarando o fato de que, "[...] no marco dessa troca, a apropriação de valor realizada encobre a apropriação de uma maisvalia que é gerada mediante a exploração do trabalho no interior de cada nação" (MARINI, 1973, p. 154).

O problema colocado pela troca desigual para a América Latina não é precisamente o de se contrapor à transferência de valor que implica, mas compensar a perda de mais-valia, e que, incapaz de impedi-la no nível das relações de mercado, a reação da economia dependente é compensá-la no plano da produção interna [...] (MARINI, 1973, p. 154).

A compensação, via superexploração da força de trabalho, implicaria alguns processos, de acordo com Marini (1973): o aumento da intensidade do trabalho, o prolongamento da jornada de trabalho e a redução do consumo mínimo para reprodução do trabalhador. Conforme o autor,

















### TRABALHO ALIENADO, Destruição da Natureza e Crise de Hegemonia

Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

O aumento da intensidade do trabalho aparece, nessa perspectiva, como um aumento da mais-valia, obtido através da maior exploração do trabalhador e não do incremento de sua capacidade produtiva. O mesmo se poderia dizer da prolongação da jornada de trabalho, isto é, do aumento da mais-valia absoluta na sua forma clássica; diferentemente do primeiro, trata-se aqui de aumentar o tempo de trabalho excedente, que é aquele em que o operário continua produzindo depois de criar um valor equivalente ao dos meios de subsistência para seu próprio consumo. Deve-se assinalar, finalmente, um terceiro procedimento, que consiste em reduzir o consumo do operário mais além do seu limite normal, pelo qual o 'fundo necessário de consumo do operário se converte de fato, dentre de certos limites, em um fundo de acumulação de capital', implicando assim em um modo específico de aumentar o tempo de trabalho excedente [...] (MARINI, 1973, p.154-155).

Os três mecanismos identificados, configuram um modo de produção que se funda na maior exploração do trabalhador, e não no desenvolvimento de suas capacidades produtivas. Reiterando, "[...] o efeito da troca desigual é – à medida que coloca obstáculos à sua plena satisfação – o de exacerbar esse afã por lucro e aguçar, portanto, os métodos de extração de trabalho excedente" (MARINI, 1973, p. 155-156).

Baseando-se, principalmente, no uso extensivo e intensivo da força de trabalho, a atividade produtiva possibilita reduzir a composição-valor do capital, o que, combinada à intensificação do grau de exploração do trabalho, eleva concomitantemente as taxas de mais-valia e de lucro. Outrossim, os três mecanismos de superexploração, apresentando-se de maneira associada, possuem como característica essencial

[...] o fato de que são negadas ao trabalhador as condições necessárias para repor o desgaste de sua força de trabalho: nos dois primeiros casos, porque lhe é obrigado um dispêndio de força de trabalho superior ao que deveria proporcionar normalmente, provocando assim seu esgotamento prematuro; no último, porque lhe é retirada inclusive a possibilidade de consumo do estritamente indispensável para conservar sua força de trabalho em estado normal (MARINI, 1973, p. 156).

Enfim, na trilha dessas indicações, Marini desvela a especificidade do ciclo do capital nos países de economia dependente, todavia, para além de se deter nas relações de troca, debruça-se no estudo da própria condição do trabalho nesses países. Como ele mesmo coloca, entender a situação dependente exige-nos "[...] iluminar o fundamento mesmo da dependência em relação à economia capitalista

















Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

mundial (MARINI, 1973, p. 161). Com a exposição, deixamos explícito a qual fundamento o autor se referia: a superexploração.

### 5 CONCLUSÃO: O RETORNO A RUY MAURO MARINI NOS TEMPOS ATUAIS

Buscamos recuperar nesse trabalho, embora com caráter ainda introdutório, o debate teórico feito por Ruy Mauro Marini sobre a dependência. Intelectual militante, Marini foi um dos interpretes da realidade social latino-americana, com vista a instrumentalizar a luta social. Desde a década de 1960, junto com Theotônio dos Santos e Vânia Bambirra, foi responsável pela elaboração do que ficou conhecido como teoria marxista da dependência. Como vimos, uma teoria que, na crítica da razão cepalina acerca do subdesenvolvimento, revelou, com base nas ideias-chave de "subordinação econômica", "transferência de valor" e "troca desigual", a profunda contradição presente na relação centro-periferia, ou seja, que o desenvolvimento dos países centrais ocorre em detrimento dos países periféricos. A América Latina, tendo por base sua capacidade produtiva do trabalho, contribui com a acumulação de capital nos países centrais, sendo que tem de fazê-lo mediante acumulação proveniente da superexploração do trabalhador, "[...] a essência da dependência latino-americana" (MARINI, 1973, p. 162).

A superexploração, expressa no aumento da intensidade do trabalho, no prolongamento da jornada de trabalho e na redução do consumo mínimo para reprodução do trabalhador, é categoria central para entendimento da obra de Marini. Mais do que isso, possibilita o entendimento das formas específicas da dependência na América Latina, tanto no período histórico da análise de seu elaborador quanto na contemporaneidade, em vista, sobretudo, as transformações operadas no mundo do trabalho nas últimas décadas e com o processo de mundialização da economia.

O ressurgimento da teoria marxista da dependência no debate no âmbito das Ciências Sociais é parte do esforço para entender as particularidades do capitalismo nos países periféricos e as causas estruturantes das desigualdades profundas que persistem ao longo da história da região. E este esforço situa-se, em grande medida, com as transformações sociais e políticas que se processam, especialmente com a















emergência dos governos progressistas em vários países, dentre eles o Brasil, que colocam a questão do desenvolvimento no centro do debate teórico-político. Ao mesmo tempo, e por razões que não tivemos condições de aqui explorar, recoloca-se na agenda dos movimentos sociais, com maior força, a "questão latino-americana".

Esta perspectiva crítica revela-se extremamente necessária para enfrentar as ilusões e descaminhos acerca do desenvolvimento dos países latino-americanos que é fortemente reavivada nas duas últimas décadas. A obra de Marini mostra que a dependência – e seu corolário, a superexploração da força de trabalho – é condição estruturante do capitalismo global e, portanto, são as próprias bases desta relação de subordinação que precisam ser entendidas e transformadas. Este debate segue vivo e necessário diante dos desafios que as sociedades latino-americanas enfrentam nos dias de hoje e, particularmente, no caso brasileiro, já diante do esgotamento do ciclo dito "progressista-desenvolvimentista".

### REFERÊNCIAS

AMARAL, Marisa Silva e CARCANHOLO, Marcelo Dias. A superexploração do trabalho em economias periféricas dependentes. **Revista Katálysis**. Florianópolis: EDUFSC, v.12, n.2, p. 216-225, jul. /dez. 2009.

AMARAL, Marisa Silva. **Teorias do imperialismo e da dependência: a atualização necessária ante a financeirização do capitalismo**. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Economia da USP, 2012.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. Dialética do desenvolvimento periférico: dependência, superexploração da força de trabalho e alternativas de desenvolvimento. In: COLÓQUIO LATINO-AMERICANO DE ECONOMISTAS POLÍTICOS, 4, 2004. São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2004.

CARDOSO, Fernando Henrique e FALETTO, Enzo. **Dependência e desenvolvimento na América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

CEPAL. **Sobre a CEPAL**. Disponível em: < http://www.cepal.org/pt-br/about>. Acesso em: 13/02/2017.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

LUCE, Mathias Seibel. Brasil: nova classe média ou novas formas de superexploração da classe trabalhadora? In: **Trab. educ. saúde**, vol.11. Rio de Janeiro: Jan./Apr. 2013.

















TRABALHO ALIENADO, Destruição da Natureza e Crise de Hegemonia

Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

Disponível em: <a href="mailto:chickplane">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1981-77462013000100010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 13/02/2017.</a>

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da dependência. 1973. In: TRASPADINI, Roberta; STÉDILE, João Pedro (Orgs.). **Ruy Mauro Marini: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

MARINI, Ruy Mauro. Memória: por Ruy Mauro Marini. 1990. In: TRASPADINI, Roberta; STÉDILE, João Pedro (Orgs.). **Ruy Mauro Marini: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2005, p. 57-134.

MARTINS, Carlos Eduardo. **Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Livro I: sobre o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013. Disponível em: < https://coletivocontracorrente.files.wordpress.com/2013/10/tmpsq7jbv.pdf>. Acesso em: 13/02/2017.

MOTA, Ana Elizabete. Superexploração: uma categoria explicativa do trabalho precário. In: VARELA, Raquel. **A segurança social é sustentável**. Lisboa: Bertrand editora, 2013. Disponível em: < http://www.ubimuseum.ubi.pt/n02/docs/ubimuseum02/ubimuseum02.anaelizabetemota.pdf>. Acesso em: 11/05/2015.

OSÓRIO, Jaime. Fundamentos da superexploração. In: ALMEIDA FILHO, Niemeyer (Org.). **Desenvolvimento e dependência: cátedra Ruy Mauro Marini**. Brasília: Ipea, 2013, p. 49-70.

SANTOS, Theotônio dos. Prefácio. In: MARTINS, Carlos Eduardo. **Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2011.

SERRA, Eduardo; COSTA, Ricardo; CASTELO, Rodrigo. **Dependência e Revolução Socialista:** a contribuição de Ruy Mauro Marini. Disponível em: < https://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com\_content&view=article&id=567:dependen cia-e-revolucao-socialista-a-contribuicao-de-ruy-mauro-marini&catid=2:artigos>. Acesso em: 12/02/2017.

TRASPADINI, Roberta e STÉDILE, João Pedro. **Ruy Mauro Marini: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

VIANA, Marcus Vinicius Martins. Ruy Mauro Marini: ditadura, política e debates intelectuais. In: **Revista Enfoques**. Rio de Janeiro: UFRJ, Vol.13, Dezembro-2014.













